
EDUCAÇÃO FÍSICA

RAFAELA DE OLIVEIRA ABREU

**FUTEBOL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA DAS FÓRMULAS DE DISPUTA
DO CAMPEONATO BRASILEIRO DA SÉRIE A
NOS ÚLTIMOS 15 ANOS (1995 – 2010)**

RAFAELA DE OLIVEIRA ABREU

FUTEBOL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS
FÓRMULAS DE DISPUTA DO CAMPEONATO BRASILEIRO DA
SÉRIE A NOS ÚLTIMOS 15 ANOS (1995 – 2010)

Orientador: Prof^ª. Dra. Suraya Cristina Darido

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciado em Educação Física

Rio Claro
2011

796.061 Abreu, Rafaela de Oliveira
A162f Futebol brasileiro: uma análise comparativa das fórmulas
de disputa do campeonato brasileiro da série A nos últimos 15
anos (1995 - 2010) / Rafaela de Oliveira Abreu. - Rio Claro :
[s.n.], 2011
52 f. : il., gráfs., quadros

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biotecnologia de Rio Claro

Orientador: Suraya Cristina Darido

1. Esportes – Competições. 2. Sistemas de disputa. 3.
Pontos corridos. 4. Sistema misto.. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

RAFAELA DE OLIVEIRA ABREU

FUTEBOL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS
FÓRMULAS DE DISPUTA DO CAMPEONATO BRASILEIRO DA
SÉRIE A NOS ÚLTIMOS 15 ANOS (1995 – 2010)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciado em Educação Física

Comissão Examinadora

Dr^a Suraya Cristina Darido

UNESP Rio Claro

Dr^a. Sara Quenzer Matthiesen

UNESP Rio Claro

Dr. Afonso Antonio Machado

UNESP Rio Claro

Rio Claro, SP 04 de outubro de 2011

DEDICATÓRIA:

Dedico este trabalho aos meus pais, Antonio Abreu Neto e Maria Laurinete de Oliveira Abreu, e a minha irmã Ana Paula de Oliveira Abreu por toda a base que me ofereceram nesses 4 anos de Graduação.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para que eu pudesse alcançar esta tamanha alegria.

Primeiramente agradeço aos meus pais, Antonio Abreu Neto e Maria Laurinete de Oliveira Abreu, que apesar das dificuldades estiveram sempre ao meu lado oferecendo todo o suporte de que necessitei não só nesses 4 anos de graduação mas durante toda a minha vida. O meu muito obrigada à minha querida e única irmã Ana Paula de Oliveira Abreu, meu cunhado Carlos Eduardo Ito e meu lindo sobrinho Lucas Kauê, família maravilhosa sem a qual eu certamente não teria concluído esta importante etapa.

Agradeço também a todos os meus professores, desde a pré-escola até a universidade, em especial: Prof^ª Lilian do Sítio do Pica Pau Amarelo, Prof^ª Rosa Helena e Prof^ª Débora do Silvério Bertoni, Prof^ª Vilma, Prof^º André e Prof^ª Eliane do Maria Leoni, Prof^º Fabrício do Colégio Eniac, todos os professores do cursinho Anglo Guarulhos de 2007, Prof^ª Suraya Cristina Darido e Prof^º Samuel de Souza Neto da UNESP de Rio Claro.

Não poderia encerrar sem mencionar os grandes amigos que fizeram toda a diferença seja nos momentos mais difíceis ou nas horas de extrema alegria durante a graduação: José Fernando da Silva (Fiscal), Ronaldo Araújo, Otávio Luiz de Biaggi, Monica Mine e Coach Robson Kumahara. Também a Fábio Barbieri, Carina Fragelli e todos os companheiros do grupo PIBID em 2011, à galera do BLEF 2008, aos amigos da moradia estudantil e as repúblicas Chinelada e Computaria. Muito obrigada!

Por fim, agradeço a Deus por mais esta benção alcançada.

RESUMO

No Brasil, o futebol é mais do que uma modalidade esportiva, é uma paixão que faz parte da identidade do país há cerca de um século. Com esta prerrogativa o Campeonato Nacional de Clubes, atualmente conhecido como Campeonato Brasileiro e organizado pela Confederação Brasileira de Futebol, é um marco dentro da modalidade.

Ao longo de sua história diversas mudanças de nomenclatura, de regulamento e de sistemas de disputa foram efetuadas, gerando inúmeras controvérsias que contribuíram para discussões em torno da credibilidade do torneio. Especificamente em relação aos sistemas de disputa das competições houve uma série de alterações, alternando o chamado sistema misto (eliminatório + classificatório e vice-versa) e um sistema de disputa baseado na classificação.

Este trabalho teve como foco descrever e analisar as mudanças ocorridas nas fórmulas de disputa do Campeonato Brasileiro da Série A, nos últimos 15 anos (1995 a 2010). Houve uma análise de cada edição, com dados como média de público, número de jogos e de participantes, período em que o torneio foi realizado, além do sistema de disputa em si.

Nos últimos 15 anos, foram utilizadas cinco fórmulas distintas e constatou-se que o atual sistema por pontos corridos é o mais adequado, uma vez que este apresentou as melhores médias de público, maior coerência para eleger o campeão da competição e pelo fato de que este formato incentivou os clubes no que diz respeito à planejamento, organização e gestão mais profissional, contribuindo assim para uma melhora significativa na qualidade do Torneio.

Palavras Chave: Campeonato Brasileiro, Fórmulas de Disputa, Pontos Corridos, Sistema Misto, Alterações, Crítica Esportiva.

ABSTRACT

In Brazil, the football is more than just a sport, it's a passion and part of country's DNA almost a century ago. By this prerogative the club national championship, nowadays known as Brazilian Championship and organized by Brazilian Football Confederation, it is a mark in this modality.

During the soccer history, were made several changes of nomenclature, rules and dispute mode, that generated many controversies, contributing for discussing about credibility of the championship. There were many changes about dispute mode, alternating the mixed mode (eliminatory + classificatory and vice versa) and a dispute mode based on classification.

This research aimed to described and to analyzed the changes that have occurred in dispute types of the Brazilian Championship, series A, in the last 15 years (1995 to 2010). It was analyzed each edition, with data like average of public, matches and participants number, period that the championship was conducted, beyond the dispute mode.

In the last 15 years, have been used five different types and it was observed that the current mode to consecutive points is the most appropriate, because this mode showed the best public average, greater coherence to elect the competition champion and this mode also encouraged the clubs about planning, organization and professional management. This issues contributed to a significant improvement in quality of Championship.

Keywords: Brazilian Championship, Formulas de Dispute, Consecutive Points, Mixed System, Changes, Critical Sport.

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO.....	08
2. OBJETIVO.....	09
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	10
3.1 Futebol Brasileiro: da elite aos braços do povo.....	10
3.2 Do amadorismo ao profissionalismo.....	11
3.3 Campeonato Brasileiro: Uma história Conturbada.....	13
3.4 Enfim, Campeonato Brasileiro de Futebol da Série A.....	16
3.5 Sistemas de Disputa para Competições Esportivas: Campeonatos e Torneios.....	18
4. MATERIAIS E MÉTODOS.....	21
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
5.1 As mudanças ocorridas em 15 anos.....	22
5.2 Características encontradas em cada sistema.....	26
5.3 Edição de 1995.....	26
5.4 Edições de 1996, 1998, 1999, 2001 e 2002.....	28
5.5 Edição de 1997.....	30
5.6 Edição de 2000.....	33
5.7 Pontos Corridos: 2003 a 2010.....	35
5.8 A visão da crítica esportiva: Pontos Corridos ou Mata- Mata.....	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

No Brasil o futebol é mais do que uma modalidade esportiva, segundo Antunes (2004) é uma paixão, sendo decantada como parte de sua identidade nacional. Neste sentido, Ramos (1984) afirma que a bola penetra nos locais mais diversos como os meios de comunicação, rua, bar, casas entre outros. Tamanha paixão pode ser compreendida uma vez que além de possuímos características favoráveis a prática da modalidade, nosso país sustenta uma hegemonia consolidada no esporte sendo a única seleção a possuir 5 títulos mundiais e a ter um dos campeonatos nacionais mais fortes e equilibrados do mundo.

Com esta prerrogativa o Campeonato Nacional de Clubes, atualmente conhecido como Campeonato Brasileiro e organizado pela Confederação Brasileira de Futebol, é um marco dentro da modalidade.

Ao longo de sua história diversas mudanças de nomenclatura, de regulamento e de sistemas de disputa foram efetuadas, gerando inúmeras controvérsias que contribuíram para discussões em torno da credibilidade do torneio. “O calendário mal planejado, a administração dos clubes por dirigentes amadores e a desorganização dos campeonatos são fatores que tiveram um impacto negativo no futebol brasileiro” (HELAL, 1997).

Especificamente em relação aos sistemas de disputa das competições houve uma série de alterações, alternando o chamado sistema misto (eliminatório + classificatório e vice-versa) e um sistema de disputa baseado na classificação.

Visto que o futebol foi sendo convertido em negócio (PRONI, 2000), as fórmulas de disputa das competições são de suma importância para o planejamento dos clubes em relação à preparação dos atletas, à logística e ao marketing esportivo, além de servirem de base para os veículos de comunicação, no que diz respeito às transmissões dos jogos e aos contratos publicitários.

Dentro deste contexto, este trabalho tem como objetivo, descrever e analisar, as alterações ocorridas nas fórmulas de disputa do campeonato brasileiro de futebol da série A nos últimos 15 anos, mais especificamente contemplando as edições compreendidas entre 1995 e 2010.

2. OBJETIVO

O objetivo deste estudo foi descrever e analisar as alterações ocorridas nas fórmulas de disputa do Campeonato Brasileiro de Futebol da Série A nas 16 edições entre 1995 e 2010.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1- Futebol Brasileiro: da elite aos braços do povo

“O futebol é um dos aspectos de maior vitalidade do patrimônio cultural do povo brasileiro” (REBELO, 2001). O trecho acima expressa a magnitude que este esporte alcançou no país em 117 anos de história. História que teve início em 1884, quando o britânico Charles Muller (filho brasileiro do cônsul britânico em São Paulo) trouxe para o Brasil um esporte universitário e burguês, que tinha como praticantes apenas a elite dominante, basicamente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Vale ressaltar que nesta época, final do século XIX e começo do século XX, o Brasil passava por um período de transição política, de monarquia à república, e o país dava os primeiros passos em direção à uma sociedade urbano-industrial, marcada pela segregação social e por tradições do período imperial. O esporte era algo moderno para a época, algo bem visto, pois estava associado a prática e costumes dos países desenvolvidos, ou seja tinha uma conotação de progresso. “A introdução de novos esportes caracterizava, do ponto de vista da formação social dessa elite, um aspecto do processo de incorporação de hábitos culturais oriundos da Europa, principalmente da Inglaterra e da França.” (PRONI, 2000).

Nos anos 10 o futebol foi se popularizando e democratizando, não se restringia mais aos clubes e colégios de elite, passou progressivamente a ser praticado por operários de fábricas. Este fato acabou desencadeando o surgimento das Ligas, que seriam as primeiras competições da modalidade no país, era uma tentativa de manter as equipes de elite segregadas das equipes mais modestas que estavam surgindo. Porém aos poucos esta situação foi mudando como afirma PRONI (2000) “Como passar do tempo, contraditoriamente, os clubes de elite acabaram permitindo a participação de algumas equipes mais modestas em suas ligas. O futebol ia se tornando uma prática social crescentemente apreciada”. Nesta fase o esporte era amador – elitista, o controle político das ligas e a organização das competições estavam sobre a administração dos clubes de elite.

Esta popularização não fica restrita somente ao Brasil. Devido ao crescente número de equipes e de praticantes da modalidade no mundo, em 1904 é fundada a Fifa (Federação Internacional de Futebol Association), cujas funções principais são organizar e fiscalizar o futebol mundial (AIDAR; LEONCINI; OLIVEIRA; 2000). Entre 1914 e 1916 é criada a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que mais tarde seria reformulada e transformada na atual CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Tinha como objetivo

unificar as associações esportivas, formar seleções nacionais e comandar a participação de equipes brasileiras em torneios internacionais.

O esporte vai se tornando cada vez mais popular no país, possuindo equipes em praticamente todo o território nacional com destaque para Internacional, Grêmio, Palmeiras (Palestra Itália), Corinthians, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama e já contava com ligas regionais regulares em várias cidades como Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre e Belém. As partidas mobilizavam públicos cada vez maiores o que gerava retorno financeiro aos clubes. Era o futebol brasileiro caminhando para a profissionalização.

3.2 Do amadorismo para o profissionalismo

A partir da década de 20, desencadeia-se uma crise no modelo amador. Claramente os dirigentes brasileiros queriam preservar o modelo elitista- amador, e ao mesmo tempo se beneficiar com a popularização da modalidade. Três foram os motivos determinantes para a profissionalização do futebol no país: a transformação do futebol em espetáculo popular, com progressiva inclusão de atletas pobres nos times, o que gerava pressões dos próprios jogadores para melhores condições de trabalho; o ambiente ideológico favorável a uma renovação da sociedade, que demandava direitos civis e sociais e vai tornando o elitismo uma prática anacrônica e a crise econômica e a transição política que marcaram o final dos anos 20 e o início dos 30, dificultando a sustentação financeira e a manutenção do amadorismo. “Contudo este processo de transição foi consumado apenas no ano de 1937, quando a CBD em meio a uma disputa de poder com a FBF (Federação Brasileira de Futebol fundada pelas entidades esportivas de São Paulo e do Rio de Janeiro após romperem com a CBD) finalmente reconheceu o profissionalismo em troca preservação de sua posição de legítima representante do esporte no país” (PRONI, 2000).

A partir daí o futebol adquiriu os moldes de esporte de massa e identidade nacional que observamos atualmente. A utilização do esporte como meio de comoção e mobilização da população teve a decisiva colaboração dos meios de comunicação principalmente o rádio e a mídia impressa, e a partir da década de 50 também da televisão. Entre 1933 e 1950, houve a chamada transição do futebol elitista à popularização do esporte, época que se inicia a criação dos mitos. “É a fase do profissionalismo marrom, que consistia numa recompensa dada pelos dirigentes aos jogadores que eram craques e, ou não tinham contrato, ou estavam com salários abaixo do que mereciam (AIDAR; LEONCINI; OLIVEIRA; 2000).

O futebol brasileiro se consolida e atinge o seu auge entre os anos de 1950 e 1970, período em que a seleção nacional apesar do trauma da perda da Copa em 1950 para o Uruguai, conquistou 3 títulos mundiais, um fato inédito no futebol mundial. Nesta fase outros departamentos são criados: médicos, massagistas, dentistas, tudo em prol da melhora do desempenho dos atletas. Feitos importantes de clubes brasileiros em torneios internacionais também ocorreram neste período, como o Santos de Pelé que conquistou duas vezes a Taça Libertadores da América e o Mundial de Clubes, nos anos de 1962 e 1963.

Entre 1970 e 1990 o profissionalismo evoluiu e como resultado, as estratégias dos treinadores e desempenho atlético dos jogadores melhoraram e métodos mais apropriados para a confecção dos produtos esportivos necessários para a prática do esporte foram adotados. Este período é marcado pela forte presença de um outro tipo de fonte de receita para os clubes além da venda de jogadores e dos direitos de transmissão dos jogos para as mídias, o mercado publicitário. Porém a mentalidade dos dirigentes continuava amadora e realmente planos de marketing esportivo somente iam tomar corpo no início do século XXI. “Em suma, o caminho do marketing esportivo tinha sido descoberto, mas a continuidade da estrutura político-institucional obstruía sua plena exploração. Além disso, os clubes brasileiros continuavam enfrentando sérios problemas financeiros e se mantinham muito vulneráveis à concorrência externa.” (PRONI, 2000)

Na década de 90, a Lei Zico propunha um novo modelo de gestão para o futebol brasileiro. O projeto obrigava clubes e federações a adotarem métodos empresariais de gestão, contudo por ser considerado “avançado demais” para os padrões nacionais, apenas algumas idéias do projeto inicial foram mantidas. Em relação aos clubes, estes tinham como principal fonte de receita a venda dos direitos de transmissão dos seus jogos para a televisão e também a venda jogadores para o exterior, só para se ter uma idéia em 1995, 254 jogadores deixaram o país e em 1999 este número subiu para 658. Este crescimento em 1999 deve-se ao fato da implantação da Lei Pelé no país, no qual estava previsto o fim do passe do atleta profissional.

A necessidade de uma gestão mais profissional, transformando os clubes em verdadeiras empresas, foi se tornando cada vez mais evidente. Atualmente, investimentos na estrutura dos clubes como: centros de treinamento, fisiologia, reabilitação de atletas, marketing esportivo, transparência e profissionalização nas administrações dos clubes, todos esses fatores são uma tendência irreversível para as equipes que pretendem manter um bom nível de competitividade, de equilíbrio financeiro e de fortalecimento das suas marcas.

3.3 Campeonato Brasileiro: Uma história conturbada

Ao longo de sua história o Campeonato Nacional de Futebol que tem como meta reunir os melhores clubes do país sofreu inúmeras alterações de nomenclatura, de regulamento e de fórmulas de disputa.

Entre 1923 e 1963 devido à enorme extensão territorial do país e aos custos com transportes a CBD só conseguia organizar um torneio de âmbito Nacional envolvendo selecionados estaduais, que servia para reunir os principais atletas de cada estado e propiciar algum intercâmbio regional. Neste período, portanto, os campeonatos estaduais eram os principais campeonatos do Brasil e o futebol brasileiro era bastante marcado pelo regionalismo.

“A partir dos anos 50, foi ganhando expressão os confrontos entre clubes de estados vizinhos, cujo principal exemplo era o torneio Rio - São Paulo (Torneio Roberto Gomes Pedrosa) e a Taça Brasil, e expandiram-se os horizontes do mundo futebolístico. De qualquer modo, a tradição em torno das disputas entre clubes rivais da mesma cidade continuou predominando” (PRONI, 2000).

Em 1958 foi realizado no Rio de Janeiro um congresso da CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) que visava à realização de um torneio que reunisse os principais times do continente sul-americano, assim foi criada a Taça Libertadores da América, que posteriormente teria sua primeira edição no ano de 1960. Com a necessidade de se indicar os representantes brasileiros para o torneio sul-americano, foi criada pela CBD a Taça Brasil que foi disputada em sistema de Copa entre os anos de 1959 e 1968 e reunia as equipes campeãs estaduais do país. A competição era disputada de forma regionalizada com grupos formados pela proximidade geográfica e as equipes disputavam o título em confrontos eliminatórios de melhor de 4 pontos, contudo, as equipes dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo disputavam a competição apenas a partir da fases de quartas de final e semi-final e o mesmo direito era conferido ao campeão da edição anterior.

Em 1967 o torneio Rio - São Paulo ainda organizado pelas federações estaduais do Rio de Janeiro e de São Paulo foi ampliado passando a contar com representantes de Minas Gerais (2), Rio Grande do Sul (2), Paraná (1), Pernambuco(1) e Bahia(1) e no ano seguinte passou a ser organizado pela CBD. A competição foi disputada entre 1967 e 1970 e era conhecida como Torneio Roberto Gomes Pedrosa (Taça de Prata) e foi considerada por muito tempo

como a precursora do Campeonato Brasileiro. Com o fim da Taça Brasil em 1969, a Taça de Prata passou a ser o principal torneio do país e os dois primeiros colocados do campeonato eram contemplados com vagas para a Taça Libertadores da América. O sistema de disputa era estruturado da seguinte forma: os times eram divididos em dois grupos, mas todos se enfrentavam todos contra todos em turno único. Porém, se classificavam os dois primeiros de cada chave. Na fase final, os quatro clubes jogavam em ida e volta, sendo campeão o time que somasse mais pontos.

“A criação do Campeonato Nacional de Clubes, em 1971, pode ser considerada como mais um marco importante na história do futebol no país. Entretanto, o novo calendário futebolístico e a integração das principais forças regionais foram assimilados sem que modificações significativas tenham se processado no interior da estrutura administrativa das equipes” (PRONI, 2000). O interesse imediato das federações era criar uma fonte adicional de receitas e de dividendos políticos e para CBD esta “modernidade” no futebol nacional, representava expansão do poder e das alianças políticas.

Neste período é preciso ressaltar que o Brasil passava por um regime ditatorial e os militares interferiam em diversas áreas do país, inclusive no esporte que era visto como um importante meio de promoção dos valores mais caros ao regime, sintetizados no lema de nossa bandeira: “ordem e progresso”. Com o pretexto de melhorar a administração do futebol nacional a CBD, que passava por diversas acusações de corrupção e desorganização, passou a ser controlada pelo governo militar, tendo como presidente o almirante Heleno Nunes que também acumulava a presidência da ARENA (partido político governista) no Rio de Janeiro. Assim o campeonato nacional passou a ser objeto de disputas políticas, uma vez que as equipes eram convidadas a participar do torneio pela influência de deputados que reivindicavam convites para equipes de sua região eleitoral. Ressaltando que entre 1971 e 1980, não haviam divisões de acesso no campeonato nacional, ou seja o número de equipes não se mantinha estável, ia crescendo ano após ano, até chegar ao exorbitante número de 94 participantes na edição de 1979, fato que diminuía a qualidade técnica do torneio.

“Ao mesmo tempo em que procurava acomodar pressões políticas, o formato implantado fortalecia a tradicional estrutura de financiamento dos clubes, sem estimular a incorporação de novos métodos de administração esportiva. Em geral, as equipes continuaram a depender basicamente das arrecadações incertas das bilheterias, da contribuição limitada de seus associados e do dinheiro obtido na negociação dos “passes” dos atletas” (PRONI, 2000).

Assim muitos clubes recorriam ao endividamento bancário, quando suas receitas não atingiam o necessário para equilibrar as finanças do clube. Este fato se deve como já foi citado, à administração ainda amadora dos dirigentes tanto das federações quanto da confederação.

No início dos anos 80 o futebol brasileiro passava por uma crise financeira sem precedentes, assim como o próprio país. Diante deste quadro, visando buscar uma saída para o esporte no Brasil de maneira geral, a CBD foi extinta em 1979 desmembrando-se em dezenas de confederações (CBF, CBB, CBV, etc). Entretanto a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) em pouco alterou a forma de gestão do futebol nacional se comparado a CBD, a grande melhoria observada foi a racionalização do Campeonato Nacional em 1980, organizando o torneio em duas divisões a Taça de Ouro e a Taça de Prata (equivalente nos dias atuais à primeira e segunda divisão, respectivamente). Contudo os clubes continuaram endividados e diversas tentativas de transformar a CBF e a administração do Futebol, menos arcaicas, foram feitas. A crise teve o seu estopim no ano de 1987, quando a CBF divulgou que não teria condições de arcar com os custos do Campeonato Nacional daquele ano e, portanto, os clubes deveriam arcar com os custos daquela edição. “Cansados de reclamar mudanças na organização dos torneios e pressionados pela suspensão dos custeios das viagens, os presidentes dos times de maior torcida do país criaram o “Clube dos Treze” e decidiram impor à CBF uma forma de disputa mais enxuta e mais rentável, que incluía apenas 16 equipes e resgatava uma forma de competição mais simples.

O resultado de todo este quadro para o Campeonato Nacional em si foi o desenrolar de uma das maiores polêmicas do futebol brasileiro em todos os tempos. A CBF dividiu o Campeonato Brasileiro em dois módulos: o módulo verde (inicialmente chamado de Copa União) vencido pelo Flamengo e o módulo amarelo que tinha o nome de Copa Brasil vencido pelo Sport. O regulamento imposto pela CBF determinava que os dois primeiros colocados de cada módulo se enfrentassem em um quadrangular final para a definição do campeão, decisão que não foi aceita pelo Clube dos Treze. Flamengo e Internacional decidiram que não jogariam esta outra fase da competição, e o clube carioca por ter vencido a Copa União foi declarado campeão brasileiro daquele ano pelo Clube dos Treze. Até 2010, a CBF considerava o Sport Recife como o campeão nacional de 1987, uma vez que havia vencido a disputa com o Guarani de Campinas na fase final, entretanto o Flamengo conseguiu reverter essa determinação e passou a ser considerado oficialmente pela CBF como o campeão brasileiro legítimo daquele ano.

De fato a Copa união tinha sido um sucesso de audiência e de público, registrando a segunda maior média de toda a história do certame. No ano seguinte a competição foi novamente realizada, entretanto a CBF retoma a responsabilidade de organizar o campeonato e desta vez com um sistema de acesso e descenso como recomendava a FIFA.

3.4 Enfim, Campeonato Brasileiro de Futebol da Série A

Em 1989, o campeonato mais importante do país altera sua nomenclatura mais uma vez. A CBF registra finalmente o “Campeonato Brasileiro de Futebol da Série A”, nome utilizado até os dias atuais.

Entretanto, durante a década de 90 o Campeonato Brasileiro permaneceu sem um regulamento padronizado, fato que permitiu alterações constantes nas fórmulas de disputa da competição. A década também foi marcada por duas “viradas de mesa” históricas uma no ano de 1993 e outra em 1996.

Por ter sido rebaixado em 1991, o Grêmio teve de disputar a Série B do ano seguinte. Todavia conseguiu apenas o modesto 9º lugar na classificação geral, e como o regulamento da competição previa que somente os dois primeiros colocados seriam classificados para a primeira divisão de 1993, o clube gaúcho deveria disputar a Série B novamente no ano seguinte. Contudo a CBF decidiu mudar o regulamento da competição determinando que os 12 melhores classificados da Série B estariam habilitados para a disputa da primeira divisão em 1993. Outra mudança: para 1994 seriam rebaixados os quatro últimos colocados dos grupos C e D, onde estavam todos os clubes que haviam subido da Série B, com exceção do Grêmio. Ou seja: o campeão e o vice da Série B poderiam ser novamente rebaixados, mas o nono colocado, não. Como resultado, o Campeonato Brasileiro voltou a ser inchado e desorganizado por mais uma década.

Outra histórica virada de mesa, ocorreu em 1996. O Fluminense havia terminado o Campeonato de 1996 entre as equipes que deveriam ser rebaixadas, contudo a CBF interviu mais uma vez no regulamento e determinou que nenhum clube seria rebaixado naquele ano. O fato apenas adiou o rebaixamento do clube carioca, uma vez que na edição seguinte o Fluminense terminaria o Campeonato na penúltima colocação e desta vez seria rebaixado de fato.

Em 1999, a CBF mudou o critério de rebaixamento, determinando que cairiam para a Série B em 2000 os quatro clubes que tivessem a menor média de pontos nos campeonatos de

1998 e 1999. A complexa forma de contagem de pontos, somada a decisões polêmicas do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva), levaram o rebaixamento a ser questionado na Justiça Comum, provocando alterações profundas no Campeonato Brasileiro de 2000. As disputas judiciais estenderam-se por meses e a CBF viu-se impedida de comandar o Campeonato Brasileiro. Ao final, o Clube dos Treze assumiu a organização do certame, que teve o nome de Copa João Havelange, com a participação de 116 clubes divididos em 4 módulos. Esta participação recorde de equipes deve-se ao fato de que o Clube dos Treze ficara impossibilitado de aplicar os critérios de acesso e descenso do ano anterior, o que acabou gerando o maior Campeonato Brasileiro da história.

No ano seguinte a Confederação Brasileira de Futebol conseguiu recuperar os direitos de organização do Campeonato Brasileiro. Nas edições de 2001 e 2002, foi mantido o mesmo sistema de disputa: primeira fase classificatória e uma fase final eliminatória com quartas de final, semi final e final. Em 2002 inclusive, Palmeiras e Botafogo foram rebaixados e não houve desta vez interferência da entidade máxima do nosso futebol.

Em 2003, pela primeira vez na história o Campeonato Brasileiro foi disputado sobre o sistema de pontos corridos, ou seja, todas as equipes se enfrentariam em turno e retorno, e o clube que obtivesse o maior número de pontos se sagraria o campeão, assim como as 2 equipes piores colocadas seriam rebaixadas para a Série B. No anos seguintes (2004 e 2005) foram rebaixadas 4 equipes e apenas 2 subiram de divisão, tal medida buscava padronizar o campeonato com o número considerado ideal de 20 clubes, meta que seria alcançada em 2006. O novo sistema de disputa inspirado nos padrões dos Campeonatos Europeus, não agradou à grande maioria dos aficionados por futebol, alegavam falta de emoção por não haver um “confronto final”.

O Campeonato de 2005 foi marcado por um dos maiores escândalos do futebol brasileiro em sua história, o episódio ficou conhecido como “Máfia do Apito”. Em 28 de setembro de 2005, a revista *Veja* denunciou um esquema de manipulação de resultados no Campeonato Brasileiro daquele ano, em que entre os principais envolvidos estavam o árbitro da FIFA Edílson Pereira de Carvalho, dois juízes e empresários. Eis um trecho da publicação da revista: “Ela envolve um grupo de empresários, donos de bingos em São Paulo e Piracicaba (no interior paulista) e o árbitro Edilson Pereira de Carvalho, um dos dez juízes brasileiros pertencentes aos quadros da Federação Internacional de Futebol (Fifa), que reúne a elite da arbitragem mundial. Com os resultados acertados com o juiz, a quadrilha lucrava em

apostas milionárias em sites de jogatina na internet (RIZEK, A.; OYAMA, T.; 2005). Como resultado o árbitro foi expulso do quadro de arbitragem e todos os 11 jogos que ele havia apitado no Campeonato foram cancelados e remarcados em outras datas.

Atualmente, o Campeonato Brasileiro segue sendo disputado sobre o sistema de pontos corridos, onde o primeiro colocado sagra-se campeão, os 4 primeiros conquistam o direito de disputar a Taça Libertadores da América, os clubes do 5º ao 14º lugar conquistam vagas para a Copa Sul-Americana e os 4 últimos colocados são rebaixados para a Série B.

3.5 Sistemas de disputa para competições esportivas: Campeonatos e Torneios

O esporte de rendimento tem em sua essência a competição, o confronto entre dois ou mais competidores. A partir do momento em que se estabelece uma competição esportiva, torna-se necessário o confronto de um adversário com o outro para que haja a possibilidade de disputa e para que se tenha um vencedor no duelo.

Porém, independente do objetivo ou da finalidade, determinadas modalidades esportivas, para serem praticadas, necessitam que exista o encontro de um competidor com o outro, ou seja, elas acontecem a partir do confronto direto entre dois adversários, cujo resultado final inevitavelmente será a vitória de um e a derrota do outro, ou até mesmo o empate (quando este resultado for admitido pela regra da modalidade). Esse é o caso dos esportes coletivos de grande difusão, dentre eles futebol, futsal, voleibol, basquetebol e handebol. (REZENDE, 2007).

Contudo cada modalidade esportiva apresenta características peculiares de formas de disputa. Por exemplo, os esportes individuais baseiam suas competições basicamente em torno de melhores tempos e pontuações como o atletismo e a ginástica, assim os competidores buscam o melhor desempenho tendo como parâmetro na maioria das vezes o seu próprio rendimento, há uma disputa consigo próprio. Por outro lado nos esportes coletivos, há a necessidade de confronto direto entre os competidores e as disputas são estruturadas como torneios e/ou campeonatos.

Dentro do futebol profissional, competições mais importantes como a Copa do Mundo de seleções, a Copa Libertadores da América e a Copa dos Campeões da Europa são estruturadas sob a forma de um sistema de classificação no início e um sistema eliminatório na sua fase final, este é o chamado sistema misto (eliminatório + classificatório e vice-versa), como afirma REZENDE (2007).

Dentro do sistema misto ocorre o chamado cruzamento olímpico, que consiste em colocar o participante melhor colocado de um grupo em confronto com o pior classificado de outro grupo, valorizando assim a vantagem conquistada na fase classificatória (REZENDE, 2007).

Os campeonatos nacionais de clubes mais importantes do mundo segundo a IFFHS em 2010: Espanha, Inglaterra, Itália, Brasil, Alemanha, França, Argentina e Portugal são estruturados sob a forma de classificação, ou seja, o campeonato é disputado em turno e retorno e a equipe que obtiver maior número de pontos sagra-se campeã. Esta forma de competição requer um tempo maior de disputa e geralmente acontece em média, em torno de 8 meses de competição.

O calendário do futebol profissional no Brasil tem início em janeiro com os campeonatos estaduais, os quais variam suas fórmulas de disputa de acordo com o Estado em questão, contudo em sua maioria estes campeonatos utilizam-se do sistema misto. Em seguida, no mês de fevereiro iniciam-se as disputas da Taça Libertadores da América e da Copa do Brasil, esta última disputada integralmente sob o sistema eliminatório, não há fase de classificação. Estas são as competições que iniciam e terminam no primeiro semestre.

O campeonato brasileiro tem o seu início no mês de maio e encerra-se em dezembro, após 38 rodadas de disputa. No segundo semestre ocorre também a Copa Sulamericana, disputada integralmente assim como a Copa do Brasil, em sistema eliminatório, e oferece ao campeão uma vaga na Copa Libertadores do ano seguinte.

Portanto, em uma temporada o futebol brasileiro oferece 2 competições integralmente eliminatórias (Copa do Brasil e Copa Sulamericana), 2 campeonatos os quais utilizam o sistema misto (Campeonatos Estaduais e Taça Libertadores da América) e 1 único campeonato que utiliza somente o sistema de classificação sem jogos eliminatórios: o Campeonato Brasileiro.

Há muito tempo existe a discussão na imprensa e no esporte em si sobre a adequação do calendário nacional com o calendário europeu, ou seja, o campeonato brasileiro, por exemplo, passaria a ter o seu início em agosto e o seu término em maio do ano seguinte. Essa mudança seria para evitar que os clubes brasileiros perdessem atletas com a competição em andamento, como ocorre atualmente. Contudo esta alteração teria uma série de implicações:

Reproduzir o calendário europeu também exigiria atenção para outros aspectos que seriam desfavoráveis e com graves repercussões, no Brasil: as distâncias e o número de competições por temporada. Acrescente-se, ainda, que as distâncias que os clubes brasileiros obrigam-se a percorrer são imensamente maiores do que as européias e temos como indispensável, em caso de adaptação do calendário, o encurtamento dos períodos destes campeonatos, com a redução do número de jogos. A mudança do calendário também afetaria, profundamente, as relações comerciais entre os clubes e a Rede Globo, detentora dos direitos de imagem das competições. Qualquer alteração no período e formato das disputas resultaria em reavaliação financeira do acordo, com inevitável redução dos números, conforme avaliam os executivos da televisão. (KFOURI, 2005).

4. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa do tipo bibliográfica que teve como intuito recolher informações sobre as fórmulas de disputa do Campeonato Brasileiro de Futebol da série A nos últimos 15 anos.

A revisão foi feita por meio de pesquisas em sites na internet para efeito de registro sobre todas as edições da competição desde o ano de 1995. A perspectiva é de se registrar informações básicas de cada edição como regulamento, número de jogos, de equipes, média de público, período do ano em que o campeonato foi disputado e as equipes campeãs e vice-campeãs, além dos sistemas de disputa utilizados. Obras da biblioteca da UNESP do Campus de Rio Claro, além de artigos e periódicos encontrados na internet através do localizador Google acadêmico foram utilizados como ponto de partida para esta pesquisa.

Este trabalho foi estruturado da seguinte forma: um momento descritivo por meio de um registro sobre as fórmulas de disputa de cada edição e um momento analítico que dissertou sobre as características as quais foram encontradas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 As mudanças ocorridas em 15 anos

O período analisado compreendeu 16 edições do Campeonato Brasileiro de Futebol entre os anos de 1995 e 2010. Foram constatadas 5 alterações nos sistemas de disputa em 15 anos de competição, sendo assim distribuídas:

Quadro 1 - Principais mudanças ocorridas entre 1995 e 2010

Edição	Fórmula de Disputa
1995	Sistema Misto: 2 Fases de Classificação + Semi-finais
1996, 1998, 1999, 2001 e 2002	Sistema Misto: 1 Fase de Classificação + Quartas de final
1997	Sistema Misto: 2 Fases de Classificação + 1 Final
2000	Sistema Misto: 1 Fase de Classificação + Oitavas de Final
2003 a 2010	Sistema de Classificação

- 1995 – Sistema Misto (Classificatório + Eliminatório): 24 equipes divididas em dois grupos (Grupos A e B) de 12. Na primeira fase de classificação os clubes jogavam em turno único e primeiramente (11 rodadas) os jogos eram realizados apenas dentro de cada chave, por sua vez na segunda etapa (12 rodadas) os clubes da chave A enfrentavam os da chave B. Classificavam-se para a fase semifinal somente os primeiros colocados de cada etapa em cada grupo.

Quadro 2 – Características da Edição de 1995

Período	19/08 - 17/12 (3 meses e 28 dias)
Participantes	24 equipes
Jogos	282 (132 na 1ª Fase, 144 na 2ª e 6 na 3ª)
Gols	712 (2,52 por jogo)
Público	2.913.624 (10.322 por jogo)

Fonte: (CAMPEONATO, 2011a)

- 1996, 1998, 1999, 2001 e 2002 – Sistema misto (Classificatório + Eliminatório): Nestas edições todos os clubes se enfrentavam em turno único, contudo sem divisão das equipes em grupos e classificavam-se para a fase de quartas de final os oito primeiros colocados da fase de classificação. Na fase eliminatória ocorria o chamado cruzamento olímpico, ou seja, o primeiro colocado enfrentava o oitavo classificado, o segundo jogava com o sétimo colocado e assim seguia até que as chaves de quartas de final fossem completadas.

Quadro 3 – Características das Edições de 1996, 1998, 1999 2001 e 2002

Edição	Jogos	Período e Público	Participantes
1996	290 (276 na 1ª Fase e 14 na 2ª)	08/08 – 15/12 (4 meses e 7 dias) 3.164.770 (10.913)	24
1998	297 (276 na 1ª Fase e 21 na 2ª)	25/07 – 23/12 (4 meses e 28 dias) 4.005.700 (13.487)	24
1999	250 (231 na 1ª Fase e 19 na 2ª)	24/07 – 22/12 (4 meses e 28 dias) 4.254.615 (17.018)	22
2001	386 (378 na 1ª Fase e 8 na 2ª)	01/08 – 23/12 (4 meses e 22 dias) 4.400.786 (11.401)	28
2002	339 (325 na 1ª Fase e 14 na 2ª)	10/08 – 15/12 (4 meses e 5 dias) 4.368.354 (12.886)	26

Fonte: (CAMPEONATO, 2011d)

- 1997 – Sistema Misto: Os 26 clubes jogavam todos contra todos em turno único e classificavam-se para a fase seguinte os oito primeiros colocados. Nesta segunda etapa as oito equipes classificadas foram divididas em dois grupos (A e B) e jogavam entre si em turno e retorno. Os primeiros colocados de cada grupo fizeram a final do campeonato em duas partidas, sendo concedida a vantagem de duplo empate ao clube que obtivesse a melhor campanha durante todo o campeonato.

Quadro 4 – Características encontradas em 1997

Período	05/07 – 21/12 (5 meses e 16 dias)
Participantes	26
Jogos	351 (325 na 1ª Fase, 24 na 2ª e 2 na 3ª)
Gols	969 (2,76 por jogo)
Público	3.684.353 (10.497 por jogo)

Fonte: (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. [200-]g)

- 2000 – Sistema Misto: Os 25 clubes do módulo azul, que correspondia à série A, jogavam em turno único. Avançavam a fase eliminatória os 12 primeiros colocados do módulo azul, os três primeiros classificados do módulo amarelo e a melhor equipe dos módulos verde e branco, completando assim os 16 clubes que disputariam as oitavas de final da competição.

Quadro 5 – Características encontradas na edição de 2000

Período	29/07 – 18/01 (6 meses e 11 dias)
Participantes	29
Jogos	330
Gols	966 (2,92 por jogo)
Público	3.810.180 (11.546 por jogo)

Fonte: (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. [200-]h)

- 2003 a 2010 – Sistema de classificação, o campeonato propriamente dito: As equipes participantes jogavam em turno e retorno e o clube que obteve o maior número de pontos, sagrou-se o campeão.

Quadro 6 – Características encontradas no período entre 2003 e 2010

Edição	Jogos	Período e Público	Participantes
2003	552	29/03 – 14/12 (8 meses e 15 dias) 5.778.336 (10.468 por jogo)	24
2004	552	21/04 – 19/12 (7 meses e 28 dias) 4.456.402 (8.073 por jogo)	24
2005	462	23/04 - 04/12 (7 meses e 11 dias) 5.683.584 (13.630 por jogo)	22
2006	380	15/04 – 02/12 (7 meses e 17 dias) 4.587.834 (12.300 por jogo)	20
2007	380	12/05 – 02/12 (6 meses e 20 dias) 6.272.347 (17.279 por jogo)	20
2008	380	10/05 – 07/12 (6 meses e 27 dias) 6.201.019 (16.714 por jogo)	20
2009	380	09/05 – 06/12 (6 meses e 27 dias) 6.494.792 (17.601 por jogo)	20
2010	380	07/05 – 05/12 (6 meses e 28 dias) 5.638.806 (14.839 por jogo)	20

Fonte: (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. [200-]m)

Vale ressaltar que foram consideradas somente as alterações ocorridas no campeonato no que diz respeito à disputa pelo título da competição, e não os critérios utilizados para o rebaixamento e para classificação para competições sul americanas.

5.2 Características encontradas em cada sistema

5.3 Edição de 1995

A edição de 1995 ficou marcada por uma importante mudança no sistema de pontuação do campeonato: por determinação da FIFA cada vitória passou a valer 3 pontos, anteriormente eram computados apenas 2 pontos (CAMPEONATO, 2011a).

O período de disputa do campeonato (agosto a dezembro) indica que durante todo o primeiro semestre as equipes disputavam os campeonatos estaduais, a Copa do Brasil e a Taça Libertadores da América e no segundo semestre havia o Campeonato Brasileiro e a Copa Conmebol, torneio disputado em sistema eliminatório que reunia equipes do continente sul-americano exceto os participantes da Libertadores da América. Desta forma as equipes entravam com foco exclusivo no Campeonato Brasileiro desde o início de disputa no mês de agosto, uma vez que a Copa Conmebol além de ser apenas o segundo torneio mais importante do continente, não oferecia na época vaga para a Libertadores do ano seguinte, fato que desvalorizava o torneio como pode ser observado: “...esta competição existia a sombra de dois outros campeonatos na época, A Super Copa da Libertadores, e a Copa Libertadores da América, e isto causava um amplo desinteresse de alguns clubes e de algumas torcidas em relação a esta competição...” (CAMPEONATO, 2011a).

Neste sistema de disputa, das 24 equipes participantes, 14 eram da região Sudeste, 5 da região Sul, 3 do Nordeste, 1 do Centro- Oeste e 1 do Norte, sendo que na fase final os 4 clubes eram da região sudeste. Estes números demonstram a superioridade dos clubes da região econômica mais forte do país, uma vez que eram a maioria e disputaram a fase final da competição e também a constatação de que a média de público na fase eliminatória da edição foi de aproximadamente 44 mil espectadores, quatro vezes maior que a média geral do torneio. Vide quadro abaixo:

Quadro 7 – Público da fase eliminatória da Edição de 1995

SEMIFINAIS		
Jogo	Público	Local
Cruzeiro 1 x 1 Botafogo	60.241	Belo Horizonte – MG
Botafogo 0 x 0 Cruzeiro	59.943	Rio de Janeiro – RJ
Fluminense 4 x 1 Santos	38.678	Rio de Janeiro – RJ
Santos 5 x 2 Fluminense	28.090	São Paulo – SP
FINAIS		
Jogo	Público	Local
Botafogo 2 x 1 Santos	53.668	Rio de Janeiro – RJ
Santos 1 x 1 Botafogo	28.488	São Paulo – SP

Fonte: (FERREIRA, 2009) e (CRUZEIRO [200-]a)

A fase eliminatória teve início a partir da semifinal, com a participação de Cruzeiro, Fluminense, Santos e Botafogo (campeão) que disputaram jogos de ida e volta, assim como a final da competição em 17 de dezembro de 1995. O Botafogo sagrou-se campeão com um aproveitamento total de 62,96% em 27 jogos, a campanha teve 14 vitórias, 9 empates e 4 derrotas (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T., 2011a).

Em contrapartida foram rebaixados à série B, os dois piores colocados na classificação geral, independente de grupo: União São João de Araras e Paysandu obtiveram em 23 partidas um aproveitamento de 13% e 26% respectivamente.

Esta fórmula de disputa que teve a princípio a divisão das equipes em dois grupos em sistema de classificação possui algumas incoerências como pode ser observado: a equipe do Palmeiras obteve 45 pontos ao final das duas etapas de classificação, o mesmo número de pontos que o Botafogo, contudo somente o clube carioca avançou de fase, pois o regulamento previa que apenas os primeiros colocados de cada grupo fossem qualificados para a semifinal. Outro ponto de destaque: em caso equivalente ao citado acima o Bragantino havia alcançado 40 pontos ao final da fase classificatória, um ponto a mais que o Cruzeiro e 6 pontos a mais que o outro semifinalista Fluminense, porém de acordo com o regulamento, o clube do interior de São Paulo acabou eliminado da competição antes da fase eliminatória.

Em relação aos critérios de desempate eram os seguintes: maior número de vitórias, melhor saldo de gols, maior número de gols marcados, média de gols, confronto direto e

sorteio (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T., 2011a). Nota-se que na época a questão disciplinar não era favorecida, visto que não se considerava o número de cartões amarelos e vermelhos como fator desempate em caso de igualdade de pontuação na classificação.

5.4 – As edições de 1996, 1998, 1999, 2001 e 2002

Das cinco fórmulas utilizadas nesses 15 anos, talvez este seja um dos formatos mais simples. Consistia em um campeonato de sistema misto, onde todos jogavam contra todos em único turno. Após esta fase os oito melhores colocados estavam qualificados para a fase eliminatória, que tinha início a partir das quartas de final (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T., 2011b).

O sistema de disputa foi o mesmo nestas cinco edições do campeonato, contudo ocorreram mudanças pontuais como número de participantes, critérios de desempate e de regulamento de rebaixamento.

Em relação ao período, foram em média 4 meses e 18 dias de disputa, sempre no segundo semestre do ano geralmente entre agosto e dezembro, fato que contribuía para que as equipes entrassem como foco exclusivo na competição assim como ocorreu em 1995. As edições tiveram em média 312 jogos, sendo o ano de 2001 o recordista com 386 partidas. Se comparados a 1995, somente em 1999 o campeonato teve menos jogos disputados foram 250, uma vez que esta edição contou com a participação de 22 clubes, número próximo do ideal recomendado pela FIFA.

Interferências da CBF no regulamento do campeonato modificaram o número de participantes da competição ano após ano, que acabou variando de 22 a 28 equipes na série A. Analisando estas cinco edições do campeonato, as equipes do sudeste representaram em média 56% dos clubes participantes, em seguida aparece o Sul com 25%, Nordeste com 10%, Centro Oeste com 5% e finalmente o Norte com 3%. Destaque para as equipes do clube dos 13 que participaram de todas estas edições, com exceção apenas do Fluminense que não participou em 1998 e 1999. Em 1998, sob forte tensão e constrangimento, a equipe do Fluminense desceu para a terceira divisão, disputada no ano seguinte, em 1999 (PLACAR, 2002). Estes números comprovam a supremacia das regiões econômicas mais fortes do país, Sul e Sudeste, com o maior número de participantes no torneio de uma maneira geral e também se analisarmos que todos os campeões saíram destas duas regiões do Brasil.

Quadro 8 – Campeões nas Edições de 1996, 1998, 1999, 2001 e 2002

Edição	Campeão
1996	Grêmio
1998	Corinthians
1999	Corinthians
2001	Atlético PR
2002	Santos

Fonte: (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. [200-]b)

Outro dado que comprova esta supremacia é em relação à fase eliminatória do torneio. Das 40 equipes que participaram desta etapa do campeonato nas edições verificadas, somente quatro não eram do eixo Sul-Sudeste, número este que representa apenas 10% dos clubes participantes. Um aspecto que marcou também foi a não participação nas partidas decisivas neste período, de quatro clubes importantes do eixo centro-sul, as equipes do São Paulo (SP), Flamengo (RJ), Fluminense (RJ) e Internacional (RS) (FLEURY, 2004).

A média de público desta fase (eliminatória) foi de 37.635, quase três vezes maior que a média geral do torneio que foi de 13.141 espectadores, o que demonstra o maior interesse do público pelos jogos eliminatórios neste formato de disputa. Aproveitando-se deste fato a CBF alterou o regulamento em 1998 e 1999 e ampliou esta fase da competição aumentando de 2 para 3 jogos por confronto, em 2001 porém em virtude do número excessivo de equipes participantes e da falta de calendário, foram realizados jogos únicos, com exceção da final que teve duas partidas em jogos de ida e volta. Em 2002, a entidade máxima do nosso futebol interveio mais uma vez e a fase final do campeonato voltou a ter dois jogos por confronto, assim como em 1996.

Este é o formato mais popular dos sistemas de disputa conhecidos como “mata-mata” e que detém um grande número de defensores seja na crítica esportiva, entre torcedores, jogadores ou técnicos, como pode ser observado na crítica do jornalista Paulo Nogueira: “Chega ao fim mais um campeonato em que os torcedores são privados do que existe de mais eletrizante no futebol: o mata-mata” (NOGUEIRA, 2010).

Contudo assim como em 1995, esta fórmula apresenta incoerências destacáveis: em 2002 o Santos terminou a fase classificatória na oitava posição e somente conseguiu a vaga nas quartas de final por uma combinação de resultados, sagrou-se campeão ao eliminar justamente o São Paulo que havia sido a melhor equipe da 1ª Fase, o Grêmio 5º colocado e Corinthians 3º. A equipe do litoral paulista terminou a fase de classificação com 13 pontos a

menos que o líder São Paulo e com um aproveitamento de 52% dos pontos, contudo venceu o campeonato realizando uma fase final extremamente eficiente no qual perdeu apenas uma das seis partidas que disputou.

Em caso semelhante o Grêmio em 1996, havia sido apenas o 6º colocado na 1ª fase e encerrara sua participação seis pontos atrás do líder Cruzeiro, ainda assim conquistou o título daquele ano disputando a final com a Portuguesa, oitava colocada na fase de classificação.

Somente em 1998 e 1999 o campeão foi a melhor equipe da primeira fase. O Corinthians que acabou vencendo nestas duas oportunidades disputou o título, entretanto com o Cruzeiro 7º colocado e no ano seguinte com o Atlético MG também 7º classificado, ou seja, equipes que obtiveram desempenho apenas razoável na 1ª Fase da competição.

A única oportunidade que houve certa coerência na disputa pelo título foi em 2001. Atlético PR e São Caetano fizeram a final que reunia o 2º e o 1º colocados da fase de classificação, respectivamente. Todavia o clube paranaense que acabara conquistando o título, terminou a 1ª Fase 8 pontos atrás do líder São Caetano que encerrou como vice-campeão do torneio.

Estas incoerências resultam em uma maior imprevisibilidade neste formato de disputa, uma vez que muitas vezes uma equipe que foi regular o campeonato inteiro pode acabar realizando jogos ruins na fase final ou a ocorrência de erros de arbitragem decisivos que podem comprometer o desfecho de alguma partida, principalmente entre clubes que não apresentam o mesmo nível de qualidade. Estas variáveis tornam esse sistema imprevisível, sendo este o principal argumento dos seus defensores: a maior “emoção”, justamente por esta falta de coerência nos resultados destacados, onde ser a equipe de melhor campanha na primeira fase não oferece garantia de que esta será a campeã ao final.

Em relação aos critérios de desempate, estes foram os mesmos nas 5 edições analisadas: maior número de vitórias, melhor saldo de gols, número de gols pró, confronto direto e sorteio. Somente em 1998 houve na 2ª Fase da competição os seguintes critérios: melhor saldo de gols na fase em questão e melhor desempenho na 1ª Fase (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T., [200-]b). Mais uma vez a questão disciplinar não foi contemplada como desempate.

5.5 – Edição de 1997

Em 1997 o campeonato brasileiro teve 3 fases de disputa, alterando assim a fórmula utilizada no ano anterior. Contudo a primeira fase manteve o tradicional sistema de

classificação e qualificou para a sequência do campeonato os 8 melhores times colocados. A alteração aconteceu na segunda fase, uma vez que os clubes classificados foram divididos em dois grupos (A e B) e estes deveriam jogar em turno e retorno, diferentemente de 1996 onde nesta fase, as equipes haviam disputado as quartas de final. Na terceira e última etapa, os campeões de cada grupo estavam habilitados para a disputa da final do torneio em dois jogos, e seria concedida a vantagem do duplo empate ao clube que obtivesse a melhor campanha durante todo o certame. Portanto, em 1997 ocorreram jogos eliminatórios somente na final da competição que foi decidida entre Vasco e Palmeiras (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T.[200-]g).

Esta edição contou com 26 equipes, duas a mais que no ano anterior. Tal mudança foi resultado de outra interferência da CBF, que em virtude de o Fluminense ter terminado o campeonato entre os últimos colocados, alterou o regulamento do Brasileirão de 1996 e decidiu que naquele ano não haveria rebaixamento. O fato contribuiu para manter na elite um dos grandes clubes do futebol brasileiro, porém prejudicou as demais equipes participantes e a credibilidade do torneio, pois este estava longe de apresentar 20 clubes (número considerado ideal pela FIFA) e sua fórmula de disputa era alterada pela 3ª vez em 3 anos. Neste mesmo ano (1997) o Fluminense mais uma vez não alcançou os pontos necessários e foi rebaixado mais uma vez para a segunda divisão (FLEURY, 2004).

Em relação ao período, foram pouco mais de cinco meses de competição entre julho e dezembro de 1997. Este formato, se comparado às outras edições que também utilizaram do sistema misto, propiciou um número maior de jogos (351 no total) visto que houve uma segunda fase classificatória em turno e retorno, algo observado apenas nesta edição (CAMPEONATO, [2011]b).

O panorama das equipes participantes apontou mais uma vez para a predominância dos times do Sudeste com 53,84%, em seguida o Sul com 26,92%, Nordeste com 15,38% e Centro Oeste com 3,8%. Na fase final houve hegemonia do polo mais influente do país, uma vez que todas as equipes pertenciam às regiões Sudeste e Sul, com destaque para São Paulo que emplacou 3 clubes na disputa final, Portuguesa, Palmeiras e Santos (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T.[200-]g)).

Dos sistemas que utilizam o recurso eliminatório em alguma etapa da competição, este foi o de maior coerência visto que cada equipe qualificada para a segunda fase teve de disputar mais 6 jogos dentro do seu respectivo grupo, o que possibilitou uma chance maior de recuperação dos clubes em caso de algum resultado adverso, diminuindo assim a possibilidade de times que alcançaram melhor desempenho na 1ª Fase, acabarem de fora das

finais da competição. Ratificando esta coerência, Vasco e Palmeiras que foram 1º e 2º colocados respectivamente na fase inicial de classificação, repetiram a regularidade e disputaram a final do campeonato.

O Vasco da Gama foi campeão com uma campanha de 21 vitórias, 7 empates, 5 derrotas e um aproveitamento de 70%. Em contrapartida, o regulamento desta vez foi respeitado e quatro clubes acabaram rebaixados para a Série B de 1998: Bahia, Fluminense, Criciúma e União São João de Araras que tiveram aproveitamento médio de 29,33% (CAMPEONATO, [2011]b).

Quanto aos critérios de desempate, a questão disciplinar foi contemplada como o 5º critério antecedendo o sorteio. Funcionava da seguinte maneira: cada cartão vermelho valia três pontos negativos e cada cartão amarelo um ponto negativo, desta forma o clube melhor disciplinado era beneficiado com esta vantagem. Maior número de vitórias, melhor saldo de gols, maior número de gols pró e confronto direto, nesta ordem, completavam os fatores de desempate (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T.[200-]g).

Apesar disso, analisando as condutas antidesportivas e o número de cartões aplicados dentre 1995 e 2002, período que antecedeu a fórmula de pontos corridos, o Brasileirão de 1997 aparece na 3ª posição com um número total de 1970 advertências, sendo 1790 cartões amarelos e 180 vermelhos (FLEURY, 2004). Os dados mostram que o fato da questão disciplinar ter sido contemplada como fator desempate não contribuiu de maneira satisfatória para que o campeonato tivesse um melhor desempenho quanto às condutas antidesportivas. Vide tabela abaixo com o número de advertências aplicadas no período:

Quadro 9 – Número de Advertências no Período de 1995 a 2002

Edição	Nº Total de Cartões	Cartões Amarelos	Cartões Vermelhos
1995	1688	1496	192
1996	1965	1702	263
1997	1970	1790	180
1998	1601	1459	142
1999	1375	1274	101
2000	1806	1643	163
2001	2217	2028	189
2002	1989	1813	176

Fonte: (FLEURY, 2004)

5.6 – Edição de 2000

Em 2000 ocorreu o último Campeonato Brasileiro da década. Esta edição ficou conhecida como Copa João Havelange e foi organizada pelo Clube dos 13, uma vez que a CBF havia ficado impossibilitada na justiça de realizar a função, devido à polêmica do rebaixamento em 1999 e também a decisões incoerentes do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva). Entretanto o Clube dos 13 não pôde aplicar os critérios de acesso e descenso do ano anterior, o que resultou no maior campeonato brasileiro da história com a participação de 116 equipes, divididas em 4 módulos na 1ª Fase, sendo assim distribuídas:

- Módulo Azul, correspondente a Série A – 25 clubes
- Módulo Amarelo, correspondente a Série B – 36 clubes
- Módulo verde, ou Série C – 28 clubes das regiões Norte, Nordeste e Centro- Oeste do Brasil.
- Módulo Branco, ou Série C – 27 clubes das regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Cada módulo teve uma fórmula de disputa diferente, assim como o número de participantes. Em relação ao módulo azul, que correspondia a Série A, os 25 clubes jogaram todos contra todos em um único turno e as 12 melhores equipes garantiam vaga para a 2ª Fase. Para completar os 16 times das oitavas de final, os três melhores colocados do módulo Amarelo e a melhor equipe dos módulos Verde e Branco também conseguiram vaga para a fase eliminatória da competição (COPA, [2011]b).

O período desta edição acabou sendo maior que o programado, totalizando pouco mais de 6 meses devido ao adiamento do segundo jogo da final entre São Caetano e Vasco, que só foi disputado em 18 de janeiro de 2001. O fato aconteceu porque no 2º jogo da final marcado para o estádio de São Januário, parte do alambrado cedeu muito por conta da superlotação da arena, deixando 168 pessoas feridas e impossibilitando a continuidade da partida naquela data (30 de dezembro) (COPA, [2011]b).

Foram 330 jogos, em um formato bastante similar ao observado nos anos de 1996, 1998, 1999, 2000 e 2001, as únicas diferenças nesse caso foram no sentido de que a fase eliminatória teve início nas oitavas de final e a inclusão de quatro vagas para equipes de fora da elite do futebol nacional nesta segunda fase.

O Vasco da Gama conquistou o título do campeonato com um aproveitamento de 54,1% dos pontos na fase de classificação e 62,5% na fase eliminatória, em uma campanha que teve

15 vitórias, 9 empates e 8 derrotas. Dos classificados para a fase final, a diferença do líder Cruzeiro para o último classificado Bahia foi de nove pontos, os clubes obtiveram um aproveitamento de 62,5% e 50% respectivamente (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T., [200-]h). Entretanto a grande surpresa desta edição foi o finalista São Caetano que obteve o mesmo aproveitamento do campeão Vasco na fase final e eliminou grandes clubes como Fluminense, Palmeiras e Grêmio.

Quanto à média de público do certame esta foi de 11.546 espectadores, sendo que na 2ª fase aumentou para 24.852, ratificando a preferência do público para os jogos eliminatórios neste formato. Em 2000 não houve rebaixamento, contudo os quatro últimos colocados, Gama, Coritiba, Corinthians e Santa Cruz, tiveram um aproveitamento médio de 26,03% dos pontos possíveis (COPA, [2011]b).

A primeira vez que o Clube dos 13 teve de assumir a responsabilidade de organizar o Campeonato Brasileiro, foi em 1987 com a bem sucedida experiência da Copa União, que teve altos índices de audiência, público e renda. Todavia desta vez, as constantes intervenções da CBF no regulamento de rebaixamento da competição, o número excessivo de equipes participantes e a manobra inédita de colocar clubes das Séries B e C na disputa direta pelo título da Série A, contribuíram para uma baixa média de público no torneio de uma maneira geral. “Pode-se apontar a experiência brasileira na organização do Campeonato de 2000 (Copa João Havelange), no qual os clubes se encarregaram de promover o evento, resultando em um retrocesso na qualidade da organização da competição” (GOMES; MELLO; LINS; 2001).

Mais uma vez os critérios de desempate não contemplaram a questão disciplinar e foram os seguintes: maior número de vitórias, saldo de gols, maior número de gols a favor, confronto direto e sorteio ((SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T., [200-]h).

Esta foi uma fórmula de disputa complexa, a qual beneficiou equipes como Fluminense e Bahia que retornaram à elite do futebol nacional apesar de estarem em divisões inferiores, o clube carioca disputava a terceira divisão e através da manobra efetuada por CBF e Clube dos 13 conseguiu a sua volta a Série A.

5.7 – Pontos Corridos: 2003 a 2010

A partir do ano de 2003 o Campeonato Brasileiro passou a ser disputado pelo sistema de pontos corridos. A fórmula ocorria da seguinte maneira: as equipes participantes disputariam turno e retorno e o clube que obtivesse o maior número de pontos conquistaria o título do torneio, assim como os quatro melhores colocados garantiriam vaga na Libertadores do ano seguinte (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T., [200-]o).

Em relação ao número de participantes, este oscilou entre 24 e 22 times de 2003 a 2005, estabilizando em 20 equipes a partir de 2006, como recomenda a FIFA e como ocorre nos campeonatos nacionais mais importantes do mundo. Os clubes do sudeste representaram 53,69% dos participantes nas oito edições analisadas, destaque para o estado de São Paulo que apresentou 4,8 média de equipes por torneio. Em seguida aparecem as regiões Sul com 28,61%, Nordeste com 10,14%, Centro Oeste com 5,91% e Norte com 1,5%. A superioridade dos clubes da região econômica mais forte do país fica evidente não só por ser maioria em participação, mas também porque que os oito campeões no sistema de pontos corridos eram da região Sudeste: Cruzeiro, Santos, São Paulo, Corinthians, Flamengo e Fluminense (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T., [200-]n).

Quanto ao período foram em média sete meses e 10 dias de disputa entre os meses de maio a dezembro, se considerarmos do ano de 2006 até 2010. O número médio de jogos foi de 433 partidas segundo o site Wikipédia ([2011]c), fato que exigiu um espaço maior no calendário do futebol nacional para o campeonato brasileiro, que teve de padronizar o seu início sempre no primeiro semestre do ano, prejudicando os clubes que disputam simultaneamente a Libertadores da América ou a Copa do Brasil em suas fases finais.

A primeira média de público do campeonato brasileiro por pontos corridos foi a pior desde 1995 com 10.468 espectadores, situação compreensível uma vez que primeiramente, o torcedor não estava habituado a este formato e segundo porque a disputa pelo título ficou de fato restrita a apenas duas equipes (Cruzeiro e Santos) o que tornou a competição pouco atrativa para o restante dos participantes.

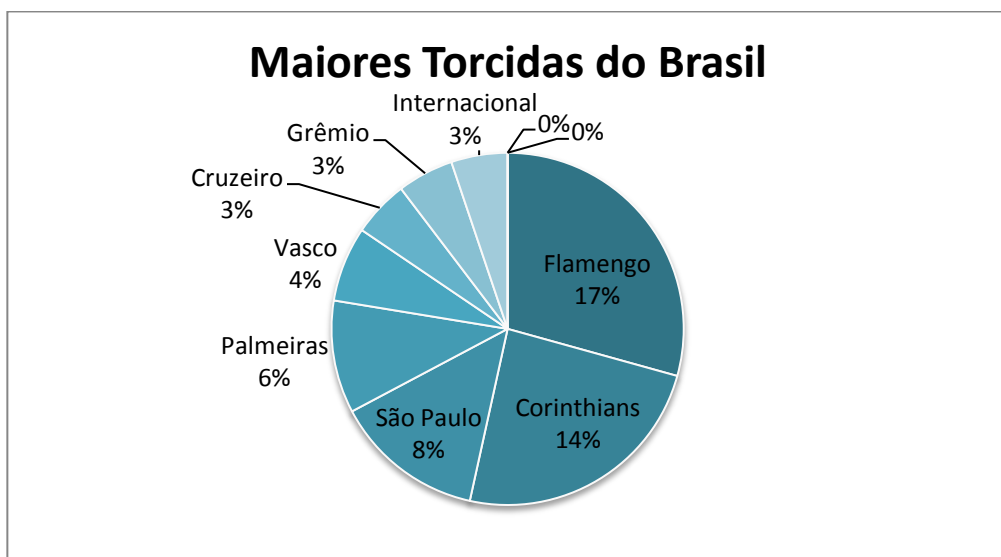
De uma maneira geral, analisando as oito edições até o momento a média foi de 13.873 torcedores (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T., [200-]n). Contudo nos últimos vinte anos, cinco das oito melhores médias de público do campeonato nacional foram em edições que utilizaram o sistema atual de pontos corridos: 2009, 2007, 2008, 2010 e 2005.

Quadro 10 – As 10 maiores médias de público do Campeonato Brasileiro 1990 a 2010

Edição	Público	Sistema	Campeão
2009	17.807	Pontos Corridos	Flamengo
2007	17.461	Pontos Corridos	São Paulo
1999	17.018	Misto	Corinthians
2008	16.992	Pontos Corridos	São Paulo
1992	16.814	Misto	Flamengo
2010	14.800	Pontos Corridos	Fluminense
1991	13.760	Misto	São Paulo
2005	13.600	Pontos Corridos	Corinthians
1998	13.487	Misto	Corinthians
2002	12.866	Misto	Santos

Fonte: (CAMPEONATO, 2011)

Nota-se que a média de público está diretamente relacionada ao desempenho dos clubes de maior torcida do país, independente do sistema de disputa utilizado no certame. Observando a tabela acima, Corinthians e São Paulo aparecem em três oportunidades cada e o Flamengo em duas, o que reforça a hipótese, pois essas são as equipes de maior torcidas do Brasil segundo pesquisa do ano de 2010 realizada pelo Instituto Data Folha.

Gráfico 1 – As maiores Torcidas do Brasil

Fonte: (FLAMENGO, 2010)

Dentro da perspectiva de desempenho das equipes neste sistema de disputa, dois fatores mostram que o campeonato vem sendo mais equilibrado e imprevisível a cada ano. O primeiro fator diz respeito ao aproveitamento dos campeões, pois este vem diminuindo ao longo dos anos e o segundo refere-se à diferença de pontuação do líder para o vice-campeão, terceiro e quarto colocados, a qual também decresceu principalmente nos últimos três anos. Vide quadro abaixo:

Quadro 11 – Aproveitamento de pontos dos campeões e diferença de pontuação do líder para o 2º, 3º e 4º colocado na classificação final

Aproveitamento dos Campeões			Diferença de pontuação do líder		
Edição	Campeão	%	2º colocado	3º Colocado	4º Colocado
2003	Cruzeiro	72,4%	13	22	27 pontos
2004	Santos	64,49%	3	7	10 pontos
2005	Corinthians	64,28%	3	7	11 pontos
2006	São Paulo	68,4%	9	11	14 pontos
2007	São Paulo	67,5%	15	16	16 pontos
2008	São Paulo	66%	3	8	10 pontos
2009	Flamengo	59%	2	2	5 pontos
2010	Fluminense	62%	2	3	8 pontos

Fonte: (CAMPEONATO, [2011]c)

Este maior equilíbrio deve-se a mudança de mentalidade dos grandes clubes do futebol brasileiro. Em virtude de este ser um campeonato de longa duração, os clubes lidam constantemente com problemas de suspensão ou lesão de jogadores, convocação de atletas para seleções e transferências para o mercado interno ou externo com a competição em andamento. Todos esses fatores conscientizaram as equipes da necessidade de que, o clube que possui pretensões de título ou vaga na Libertadores do ano seguinte, deve investir na formação de um elenco de qualidade para minimizar os efeitos de possíveis desfalques de jogadores nas partidas por algumas das razões citadas anteriormente.

...Os grandes clubes brasileiros, e aqui penso em uma lista com pouco mais de vinte nomes, alguns dos quais continuam sendo apenas potencialmente grandes, não têm como fugir às necessidades desses novos tempos. Precisam de receitas. Precisam de boas equipes, bons times que são formados a partir de bons elencos. Que custam caro. O que leva à necessidade de um planejamento muito bom, a curto, médio e longo prazo. Precisam de visão estratégica tanto quanto precisam de decisões táticas, tomadas no calor da temporada. Em síntese, precisam de organização. É aqui que entra em cena o campeonato nacional por pontos corridos...(GONÇALVES, 2011)

Os clubes também entenderam melhor a dinâmica de um campeonato disputado desta forma. Cada partida é importante, uma vez que todas valem os mesmos três pontos, independente da posição dos oponentes no campeonato ou da rivalidade entre as equipes, cada jogo é fundamental.

Planejamento e investimentos em estrutura como centro de treinamento e categorias de base são elementos indispensáveis para uma equipe alcançar bons resultados neste sistema de disputa. Exemplos disso, São Paulo, Internacional, Cruzeiro e Santos os clubes com melhor desempenho no sistema de pontos corridos, são referência de excelência no que diz respeito à estrutura de treinamento e gestão profissional.

Um documentário sobre os melhores centros de treinamento do país apresentado pelo canal fechado SporTv em 2010, teve o auxílio de acadêmicos do curso de Especialização em Futebol da Universidade Federal de Viçosa (MG) e considerou 4 aspectos no ranking de estruturas: recursos humanos, instalações físicas, recursos materiais e logística. A avaliação classificou a Toca da Raposa II (Cruzeiro), CT do São Paulo e CT Rei Pelé (Santos) entre os cinco melhores centros de treinamento do Brasil. As duas primeiras colocações ficaram com os CTs de Atlético MG e Atlético Paranaense, contudo apesar disso, a equipe mineira não possui bom retrospecto no campeonato brasileiro na era dos pontos corridos, visto que o time não terminou entre os quatro melhores do campeonato em nenhuma das oito oportunidades. Por outro lado, o clube paranaense foi vice-campeão em 2004 e é o quinto colocado (empatado com o Flamengo) no ranking de pontuação geral na era dos pontos corridos, ficando a frente de equipes como Fluminense, Palmeiras, Corinthians e Grêmio.

Quadro 12 – Clubes que terminaram o Campeonato entre os 4 primeiros colocados

Clube	Edições entre os 4 melhores do Campeonato Brasileiro	Total
São Paulo	2003, 2004, 2006, 2007, 2008 e 2009	6
Cruzeiro	2003, 2008, 2009 e 2010	4
Santos	2003, 2004, 2006 e 2007	4
Internacional	2005, 2006 e 2009	3
Palmeiras	2004, 2005 e 2008	3
Grêmio	2006, 2008 e 2010	3

Fonte: (CAMPEONATO, [2011]c)

Quadro 13 - Pontuação geral dos clubes na era dos pontos corridos

Clube	Pontos
São Paulo	568
Cruzeiro	527
Internacional	517
Santos	511
Flamengo	463
Atlético PR	463
Fluminense	455
Goiás	452
Corinthians	431
Palmeiras	428

Fonte: (CAMPEONATO, [2011]c)

Quanto ao rebaixamento, após a estabilização do número de equipes em 20 que ocorreu no ano de 2006, o regulamento prevê que quatro clubes sejam rebaixados para a Série B, assim como os quatro melhores times da divisão de acesso automaticamente, asseguram o retorno a Série A. Em relação aos critérios de desempate, desde 2005 são os seguintes: maior número de vitórias, maior saldo de gols, gols a favor, confronto direto, menor número de cartões vermelhos e amarelos e finalmente sorteio (SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T., [200-]n).

5.8 A visão da crítica esportiva: Pontos corridos ou Mata – Mata?

Desde que passou a ser disputado sob a fórmula de pontos corridos em 2003, o sistema de disputa do Campeonato Brasileiro passou a ser alvo de enormes polêmicas e discussões diante da crítica esportiva. “Este era um sistema inovador para as equipes brasileiras, mais acostumadas a torneios de mata-mata. Por isso, a primeira impressão deixada pelo torneio não foi das melhores. O fato de o campeão ter sido decidido com quatro rodadas de antecedência contribuiu ainda mais para isso” (CAMPEONATO, [2011]c).

Jornalistas como Paulo Nogueira e Sidney Daguano, defensores do modelo de disputa anterior (2002), que realizava um sistema eliminatório após a fase de classificação, argumentam que esta fórmula de campeonato possibilita maior emoção e imprevisibilidade ao expectador, além de frisarem o fato de que o torcedor brasileiro não estaria habituado a este tipo de sistema de disputa diferentemente do torcedor europeu, por exemplo, uma vez que todos os campeonatos nacionais de clubes da Europa utilizam a fórmula de pontos corridos desde a sua criação. Assim justificam nos pontos corridos, a possível diminuição dos índices de audiência nas transmissões dos jogos e o decréscimo de público nos estádios.

Se o segredo do futebol é a imprevisibilidade dos resultados, a fórmula de disputa deveria manter esse caráter, ou seja, a imprevisibilidade do mata-mata. O campeonato deveria seguir o ritmo do jogo. É que a fórmula dos pontos corridos privilegia a média dos resultados, o contrário da essência do futebol que não privilegia a média dos fundamentos. Assim, o que dá emoção ao jogo, imprevisível, perde efeito na fórmula dos pontos corridos: permite que um time se recupere de derrota, ao longo dos confrontos. É o mesmo que permitir a um time se recuperar de um gol decisivo, tomado aos 45 do segundo tempo, num jogo seguinte. É como se fosse disputado um jogo só em 19 rodadas, no caso do nosso campeonato de 20 times. Tirando o caráter imprevisível do campeonato, perde-se a emoção. (DAGUANO, 2011).

Por outro lado, os defensores do sistema de pontos corridos, jornalistas de mídia impressa e digital, ou que trabalham em meios de comunicação como o rádio e a televisão como Juca Kfourri, Erich Beting e Milton Jung argumentam que esta fórmula privilegia a justiça e não o “acaso”, ou seja, de fato o clube que teve melhor desempenho durante a competição sagra-se campeão ao final. Além de premiar os clubes que realizaram melhor organização e planejamento ao longo da temporada, porque por mais que o clube não consiga chegar ao título, um bom desempenho garante vagas nas competições sulamericanas do ano seguinte. É o que confirma Milton Jung (2009): “Em um futebol no qual a honestidade nem

sempre é a principal marca, a fórmula de pontos corridos é a mais honesta com os clubes que investem seriamente no esporte”.

Reafirmam a necessidade de o calendário do futebol nacional apresentar pelo menos uma competição disputada sob a fórmula de pontos corridos por temporada. Desta forma os clubes podem investir em programas como sócio torcedor com maior segurança uma vez que existe um número mínimo de partidas que o clube disputará durante a competição, fato que também facilita o planejamento de negociação referente a cotas de patrocínio e venda de direitos de transmissão das partidas. Defendem que desta maneira os clubes conseguem aumentar suas receitas e assim podem qualificar as equipes com jogadores destacáveis, o que acaba gerando maior interesse do público e eleva os índices de audiência e a média de público dos estádios.

Saber que o time disputará 38 partidas na principal competição da temporada, já conhecendo datas e adversários, permite e estimula o planejamento, assim como motiva o possível patrocinador a investir e o torcedor a comprar o pacote de ingressos para todo o campeonato (em tese, nessa república tupiniquim, de jogos adiados por isso ou aquilo). O torcedor consulta a tabela, vê o mapa de transmissão das partidas pela TV e... Compra a assinatura do PPV. Ao fazer isso, contribui diretamente com seu clube. Ele sabe que todas as 38 partidas serão importantes, todos os pontos em jogo valerão a mesma coisa na 1ª como na 38ª rodada. Sim, pode acontecer, como já ocorreu, de algumas definições um tanto quanto prematuras terem criado uma situação anormal de partidas que pouco valiam, mas a tendência é o inverso, é o campeonato manter-se interessante até a rodada final. (GONÇALVES, 2011)

Por sua vez, jornalistas como Paulo Nogueira e Milton Neves analisam que os pontos corridos em suas rodadas finais, trazem a possibilidade de algumas equipes perderem de maneira proposital determinados jogos em questão, na tentativa de prejudicar times rivais na disputa pelo título, por vaga nas competições sulamericanas ou na briga contra o rebaixamento. A prática da “mala branca”, que se refere ao ato de um clube pagar determinado valor a outra equipe para que esta vença alguma partida específica, também foi uma polêmica bastante discutida na era dos pontos corridos.

De fato essas práticas ficaram evidentes nos últimos dois anos do campeonato, como por exemplo, em 2009 quando o Corinthians perdeu para o Flamengo na penúltima rodada fato que prejudicou Palmeiras e São Paulo na disputa pelo título com a equipe carioca e também em 2010, quando desta vez era a equipe de Parque São Jorge que estava na briga pelo

título e foi prejudicada por derrotas de Palmeiras e São Paulo frente ao Fluminense que acabou campeão. Nas duas oportunidades não ficou comprovado que os jogos foram facilitados, contudo as desconfianças foram inevitáveis. Outro exemplo foi em 2009 quando na última rodada, o Flamengo venceu o Grêmio que acabou acusado de facilitar a vitória da equipe carioca para prejudicar o rival Internacional que também brigava pelo título daquele ano.

Estes foram exemplos emblemáticos, mas ocorreram inúmeras outras partidas que tiveram a sua credibilidade posta em questão. Assim os defensores do sistema misto, argumentam que a existência de uma fase eliminatória após a fase de classificação, impossibilita práticas como as citadas acima, garantindo desta maneira a essência da competição, a qual os dois oponentes que entram numa disputa o fazem com a intenção de vitória em qualquer circunstância.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos 15 anos, ocorreram cinco alterações no formato de disputa do Campeonato Brasileiro de Futebol, o que gera média de uma mudança a cada 3 anos. Esta inconstância que prejudicava a credibilidade do torneio foi sanada em maio de 2003 quando o Estatuto do Torcedor entrou em vigor no país, instituindo que quaisquer alterações no regulamento das competições somente poderiam ser realizadas após um período mínimo de dois anos de vigência de um mesmo regulamento. Desde então, o campeonato não mais alterou a sua fórmula de disputa, sendo adotado o sistema de pontos corridos o qual acontece há oito anos ou a nove edições consecutivas.

Das cinco fórmulas analisadas, em termos de média de público o formato de pontos corridos aparece em primeiro lugar com 13.873, em seguida figura a fórmula utilizada nos anos de 1996, 1998, 1999, 2001 e 2002 com 13.141 espectadores. Dois fatores podem ser destacados: o primeiro refere-se à baixa média de público do Campeonato Brasileiro se comparado aos campeonatos nacionais mais importantes do mundo, pois estes ultrapassam a marca dos 30 mil espectadores por jogo, nos casos de Alemanha e Inglaterra, por exemplo. O segundo é em relação a liderança do sistema de pontos corridos nesse quesito, apesar da diferença para o segundo colocado ser pequena (732 torcedores), o fato demonstra que o torcedor brasileiro se habituou a este tipo de formato do campeonato se considerarmos o fator público nos estádios.

Nestes 15 anos, houve seis alterações de fórmula de disputa na transição de uma edição para a outra e em outras nove oportunidades o formato foi mantido. Quando houve alteração, em 66% das vezes a média de público decresceu, em contrapartida quando o sistema foi mantido o público médio nos estádios cresceu em 55% das oportunidades. Portanto estes números comprovam que se ocorre a manutenção de um mesmo formato de disputa, a probabilidade de elevação do número de espectadores do evento na edição seguinte é maior do que o decréscimo, diferentemente do que acontece quando o formato é alterado de uma edição para outra, pois a possibilidade de diminuição do público mostrou-se maior nesta situação. Nesse sentido pode-se dizer que o Campeonato Brasileiro está alcançando a sua maturidade, uma vez que são oito anos ininterruptos de um mesmo sistema de competição, fato que eleva a probabilidade de aumento de público a cada edição.

Cada um dos cinco sistemas de disputa analisados demonstrou aspectos positivos e negativos, contudo o formato de pontos corridos e a fórmula utilizada em 1997 apresentaram as maiores coerências quanto à maneira de se eleger a melhor equipe do futebol brasileiro no ano. Nestes formatos realmente a equipe que obteve o maior aproveitamento dos pontos, sagrou-se campeã ao final, por outro lado nos outros três modelos de competição somente em três das oito oportunidades, o campeão foi de fato o melhor time do campeonato em termos de aproveitamento.

Considerando que o sistema de pontos corridos obteve também a melhor média de público neste período, pode-se concluir que esta seria realmente a fórmula mais adequada para a disputa do Campeonato Brasileiro, uma vez que este é um formato que privilegia a organização e o planejamento a longo prazo. Apartir da implantação deste sistema, os clubes passaram a investir na formação de elencos de qualidade e não apenas em um time de onze jogadores, assim ocorreu um retorno financeiro maior tanto de publicidade e patrocínios quanto de público nos estádios e audiência nos meios de comunicação, pois os times acabaram melhorando significativamente a qualidade do espetáculo utilizando-se de jogadores mais qualificados.

Os clubes brasileiros já estão colhendo bons resultados depois da implantação deste formato há oito anos, beneficiados também pelo bom desempenho da economia brasileira no período, jogadores de grande destaque do futebol brasileiro que estavam jogando no exterior, retornaram para atuar no país, casos de Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Luis Fabiano, Adriano e Juninho Pernambucano. Outros jogadores como Neymar, Paulo Henrique Ganso, Lucas e Oscar estão sendo mantidos por seus clubes no Brasil, situação impensável há anos atrás, onde os atletas que mais se destacavam rapidamente eram negociados com clubes europeus.

Este cenário favorável aliado ao fato de que aos poucos o calendário do futebol nacional vai ficando cada vez mais adequado, com férias de 30 dias para os atletas e espaço de 15 dias para pré-temporada, e a existência de pelo menos uma competição por pontos corridos no ano são fatores que contribuem no aumento de receita dos clubes e no equilíbrio financeiro de cada instituição.

O problema mais acentuado do sistema de pontos corridos que era em relação ao fato de que alguns jogos pudessem ser facilitados com o objetivo de prejudicar ou beneficiar determinadas equipes nas rodadas finais do campeonato, foi solucionado no ano de 2011. A

Confederação Brasileira de Futebol marcou todos os clássicos estaduais e regionais possíveis para a última rodada do certame, visando combater essa prática que colocava em cheque a legitimidade do título da equipe campeã. Visto que nas últimas três edições da competição o título foi decidido exatamente na última rodada, esta é uma medida que realmente poderá ter a eficácia esperada.

Quanto ao calendário, para que as equipes possam iniciar a competição com foco exclusivo no campeonato brasileiro a CBF deve rever também a Copa do Brasil. Uma das alternativas seria diminuir o número de equipes da competição de 64 para 32 participantes, assim o torneio passaria a ter cinco etapas: primeira fase, oitavas, quartas, semi-final e final e teria o seu término antes do início do Campeonato Brasileiro.

Outra opção seria o encurtamento dos campeonatos estaduais, pois atualmente estes têm duração de quatro meses e perderam bastante prestígio ao longo dos últimos anos. Desta maneira, diminuindo o período dos estaduais, haveria um calendário maior para o agendamento de jogos da Copa do Brasil antes do início do Campeonato Brasileiro, com a inclusão de partidas também aos finais de semana, inclusive este fato colaboraria para uma maior média de público nos jogos do torneio.

Historicamente o futebol brasileiro teve diversos problemas administrativos que comprometeram e retardaram a implantação de uma gestão profissional do Esporte no país. Contudo, algumas melhorias ocorreram nos últimos anos, visto que há mais de 10 anos o Campeonato Brasileiro não registra interferências no regulamento da competição visando o beneficiamento de determinadas equipes, a chamada “virada de mesa”, uma prática política que acabou prejudicando a credibilidade do torneio por um longo período. Outros fatores de melhoria: a existência de ao menos uma competição por pontos corridos na temporada, a manutenção de um mesmo sistema de disputa no Campeonato Nacional desde 2003, a garantia de um período de 30 dias de férias para os atletas e 15 dias de pré-temporada, a estabilização do número de equipes do Campeonato em 20, uma gestão mais profissional dos clubes, a criação do Estatuto do Torcedor, entre outros. Entretanto, é notório que o Brasil ainda enfrenta diversos problemas e necessita de um tempo maior para conseguir ser referência nesse quesito frente à potências europeias, por exemplo a falta de alternância de poder dentro da CBF é algo que compromete a transparência da entidade e do futebol brasileiro de uma maneira geral.

Ficou evidenciado durante o trabalho que independente do sistema de disputa utilizado, o campeonato terá o seu sucesso de público associado ao desempenho das equipes de maior torcida do país, mas frente a evidências positivas a fórmula por pontos corridos mostrou-se a mais adequada para o Campeonato Nacional, exatamente como é disputado nos dias atuais, com 20 equipes em turno e retorno onde o primeiro colocado sagra-se campeão, os quatro piores colocados são rebaixados à série B, os quatro melhores garantem vaga na Libertadores da América do ano seguinte e do 5º ao 14º colocado há o benefício de vaga para a edição seguinte da Copa Sul Americana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDAR, A. C. K.; LEONCINI, M. P. & OLIVEIRA, J. J. **A nova gestão do futebol**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ANTUNES, F.M.R.F. **“Com brasileiro não há quem possa!” Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: UNESP, 2004.

ARTUSO, A. R. **Análise do aproveitamento dos times no campeonato brasileiro a partir de uma distribuição normal**. Revista brasileira de biometria, São Paulo, v.25, n.4, p.49-63, 2007.

CAMPEONATO Brasileiro de Futebol, 3 de outubro de 2011. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Brasileiro_de_Futebol>. Acesso em 25 ago. 2011.

CAMPEONATO Brasileiro de Futebol de 1995, 19 de setembro de 2011. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Brasileiro_de_Futebol_de_1995>. Acesso em 23 abr. 2011a.

CAMPEONATO Brasileiro de Futebol de 1997, 4 de setembro de 2011. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Brasileiro_de_Futebol_de_1997>. Acesso em 23 abr. 2011b.

CAMPEONATO Brasileiro de Futebol de 1999, 2 de outubro de 2011. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Brasileiro_de_Futebol_de_1999>. Acesso em 23 abr. 2011d.

CAMPEONATO Brasileiro de Futebol de 2003, 20 de abril de 2011. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Brasileiro_de_Futebol_de_2003>. Acesso em 7 mai. 2011c.

COPA Conmebol, 20 de agosto de 2011. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_Conmebol>. Acesso em 23 abr. 2011a.

COPA João Havelange, 28 de setembro de 2011. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_Jo%C3%A3o_Havelange>. Acesso em 24 abr. 2011b.

CRUZEIRO 1 x 1 Botafogo, [200-]. Disponível em < http://www.cruzeiropedia.org/Cruzeiro_1x1_Botafogo_-_07/12/1995>. Acesso em 28 abr. 2011a.

CRUZEIRO 0 x 0 Botafogo, [200-]. Disponível em < http://www.cruzeiropedia.org/Botafogo_0x0_Cruzeiro_-_10/12/1995>. Acesso em 28 abr. 2011b.

DAGUANO, S. **Futebol um eterno mata-mata.** In: Globoesporte.com, 12 de agosto de 2011. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/platb/pensar-o-esporte/2011/08/12/futebol-um-eterno-mata-mata/>>. Acesso em: 17 set. 2011.

FERREIRA, B. **Jogos na memória: confira os motivos de orgulho e vergonha dos tricolores, 25 de setembro de 2009.** Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Fluminense/0,,MUL1303862-9866.00JOGOS+NA+MEMORIA+CONFIRA+OS+MOTIVOS+DE+ORGULHO+E+VERGONHA+DOS+TRICOLORES.html>>. Acesso em: 28 abr. 2011.

FLAMENGO e Corinthians são os times com as maiores torcidas. In: Data Folha Instituto de Pesquisas. São Paulo, 19 de abril de 2010. Disponível em: < http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=965>. Acesso em: 17 jul. 2011.

FLEURY, S. F. **Estudo das faltas e condutas antidesportivas de atletas de futebol profissional em decisões de campeonato brasileiro.** 2004. 102 f. Tese (Mestrado em Psicologia do Esporte) – Universidad Autónoma de Madri, São Paulo, 2004. Disponível em: < http://www.suzyfleury.com.br/PDF/tese_uam.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2011.

GOMES, E. G.; MELLO, J. C. C. B. S. ; LINS, M. P. E. **Uso de análise envoltória de dados e auxílio multicritério à decisão na análise dos resultados das olimpíadas 2000.** Disponível em: < http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2001_TR62_0711.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2011.

GONÇALVES, E. **Pontos corridos para preservar a emoção dos torneio mata-mata.** In: Globoesporte.com, 16 de agosto de 2011. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/category/calendarioorganizacao/>>. Acesso em: 16 ago. 2011.

HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

JUNG, M. **Futebol é negócio?** In: CBN A radio que toca notícia, 21 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/platb/miltonjung/tag/negocio/page/2/>>. Acesso em: 13 ago. 2011.

KFOURI, J. **O debate 2 – Calendário mudar ou manter?** In: UOL Esporte, 09 de novembro de 2005. Disponível em: <http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2005-11-06_2005-11-12.html> Acesso em: 18 abr. 2011.

NOGUEIRA, P. **Saudade das finais**. In: Diário do Centro do Mundo, 16 de novembro de 2010. Disponível em <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/?tag=mata-mata>>. Acesso em: 08 mai. 2011.

PLACAR, **História do Brasileirão 2002**. São Paulo: Abril. Ed.1234, 2002.

PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. 1. ed. Campinas: UNICAMP, 2000.

RAMOS, R. **Futebol: Ideologia do Poder**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

REBELO, A.; TORRES, S. **CBF – NIKE: As investigações da CPI do futebol da câmara dos deputados desvendam o lado oculto dos grandes negócios da cartolagem e passam a limpo o futebol brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Casa Amarela Ltda, 2001.

REZENDE, J. R. **Sistemas de disputa para competições esportivas: Torneios e Campeonatos**. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2007.

RIZEK, A.; OYAMA, T. **VEJA revela o maior escândalo já visto no futebol brasileiro: em conluio com empresários, dois juízes – um deles árbitro da FIFA – fraudavam resultados de partidas para lucrar com apostas**. In: Veja On Line, 28 de setembro de 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/280905/p_072.html> Acesso em: 25 mar. 2011.

SANTOS aplica goleada histórica e está na final, [200-]. Disponível em: <<http://www.acervosantista.com.br/tag/giovanni/page/2/>>. Acesso em: 28 abr. 2011.

- SANTOS, L. V. V. **A evolução da gestão no futebol brasileiro**. 2002. 127 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de pós graduação da EAESP/FGV, área de concentração: PG, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2002.
- SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 1995, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_1995.htm>. Acesso em 02 mai. 2011a.
- SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 1996, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_1996.htm>. Acesso em 02 mai. 2011b.
- SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 1998, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_1998.htm>. Acesso em 02 mai. 2011c.
- SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 1999, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_1999.htm>. Acesso em 02 mai. 2011d.
- SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 2001, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2001.htm>. Acesso em 02 mai. 2011e.
- SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 2002, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2002.htm>. Acesso em 02 mai. 2011f.
- SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 1997, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_1997.htm>. Acesso em 02 mai. 2011g.
- SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 2000, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2000.htm>. Acesso em 02 mai. 2011h.
- SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 2003, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2003.htm>. Acesso em 02 mai. 2011i.
- SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 2004, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2004.htm>. Acesso em 07 mai. 2011j.
- SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 2005, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2005.htm>. Acesso em 07 mai. 2011k.

SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 2006, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2006.htm>. Acesso em 07 mai. 2011l.

SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 2007, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2007.htm>. Acesso em 07 mai. 2011m.

SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 2008, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2008.htm>. Acesso em 07 mai. 2011n.

SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 2009, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2009.htm>. Acesso em 16 mai. 2011o.

SILVA, M. J.; SILVA, M. Y.; SILVA, J. T. Campeonato Brasileiro 2010, [200-]. Disponível em < http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2010.htm>. Acesso em 16 mai. 2011p.